ERA UMA VOZ

João Tordo

Ao chegar a casa, tu não estavas. Sentei-me no sofá, à beira da aflição. Liguei para os teus avós. Era a opção menos plausível, mas eu não sabia o que fazer. A minha mãe atendeu; eu perguntei se tu, por algum milagroso acaso, lá te encontravas; ela achou a pergunta tão estranha que nem sequer respondeu, e pôs-se a falar da bronquite. Tentei a escola, mas ninguém. Pensei em ligar à Polícia, mas era demasiado cedo, dir-me-iam que esperasse, que os adolescentes normalmente regressavam ao fim de algumas horas. Então vesti o casaco e saí a correr. A estrada fria, os sobreiros, os campos de palha, os postes telegráficos, depois a Vila de Cano, outra vez a estrada. Um cavalo perdido e choroso, em sentido contrário. Despi o casaco, leva-se tempo e suor a percorrer as distâncias. Vi três raparigas sentadas num banco, com as mochilas. Nenhuma delas eras tu. A escola básica, o jardim público. Em desespero, perguntei a uma velhinha se avistara uma rapariga alegre.

Oh, deve estar ali, e apontou para a casa branca e rasa, fundo de caramelo, um pássaro com sapatos, janelas verdes. Bati à porta. Abriu-a uma senhora pequena e magrinha, olhos bonitos, cabelo escuro. Ah, está aqui dentro, sim. Encontrei-te a ler um livro. Sentei-me ao teu lado e nem sequer te ralhei.